

Juventude, Memória e Violência: pesquisa-ação no Bairro Guajuviras - Canoas/RS

Luciane Marques Raupp¹

Resumo: Este trabalho visa a articular questões ligadas aos temas, memória social, juventude, identidade e violência, tendo como pano de fundo a análise de vivências comunitárias de jovens residentes no Bairro Guajuviras/Canoas – RS. Apresenta uma visão histórica do bairro, atrelada a análises sobre as manifestações de violência urbana no local e nas representações de jovens moradores por meio do desenvolvimento de uma Oficina de Fotografias realizada na Casa de Juventudes durante o segundo semestre de 2015. A metodologia utilizada foi a Pesquisa-ação a qual se caracteriza como um método que permite testar hipóteses sobre o fenômeno de interesse, acessando possibilidades de mudanças no cenário real em relação direta com os atores sociais. Durante a realização da Oficina de Fotografias foi estimulado o exercício de estar em grupo, trocar experiências e representações sobre o bairro enquanto os jovens recebiam noções básicas de fotografia e refletiam sobre esse dispositivo como uma forma de registro e ampliação de suas vivências. Lugares bons e ruins para circular eram apontados, com destaque para os setores pertencentes a áreas de subocupações, considerados mais perigosos. Equipamentos sociais implantados com recursos do Território de Paz, como a Casa de Juventudes, eram referidos como importantes, embora assinalassem que o bairro ainda carecia de locais para um convívio protegido. A Oficina de Fotografias funcionou como um dispositivo para a circulação de palavras, histórias e memórias, demarcando pontos de identificação e de memória social entre os jovens.

Palavras-chave: Juventude; Violência; Fotografia; Memória Social.

Youth, Memory and Violence: Action Research at the Guajuviras neighborhood - Canoas/RS

Abstract: This work aims to articulate social memory issues with youth, identity and violence connected with an analyses of the community experiences of young people living in the neighborhood of Guajuviras/Canoas - RS. It offers a historical view of the neighborhood, linked to analysis of the manifestations of urban violence and the young's representations through the development of a Photography Workshop held in the Casa de Juventudes during the second half of 2015. The methodology used was the Action Research, which is characterized as a method that allows to test hypotheses about the phenomenon of interest, accessing possibilities of changes in the real scenario in direct relation with the social actors. During the workshop the young was encouraged to participate in group activities, exchange experiences and representations about the neighborhood while received basic instructions about photography device as a way of recording and amplifying their experiences. Good and bad places to circulate were pointed out, especially the sectors belonging to the areas of sub-occupations considered more dangerous. Social resources from the Peace Territory, such as the Casa de Juventudes, were referred as important, although they pointed out that the neighborhood still lacked places for protected

¹ Psicóloga (UFRGS). Mestre em Psicologia social e Institucional (UFRGS). Doutora em Saúde Pública (USP). Professora e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Memória Social e Bens Culturais do Centro Universitário Unilasalle/Canoas. Email: lucianemraupp@gmail.com

interactions. The Photography Workshop acted as a device for the circulation of words, stories and memories, placing points of identification and social memory among young people.

Keywords: Youth; Violence; Photography; Social Memory.

Introdução

*É no Guaju, no parque São José,
não marca bobeira senão não pára em pé
Parque São José – Código C-RS*

Este texto busca articular questões relacionadas à memória social, juventude, identidade e violência urbana tendo como pano de fundo a análise de vivências comunitárias de jovens residentes no bairro Guajuviras, situado no município de Canoas, região metropolitana da cidade de Porto Alegre/RS². Apresenta uma visão histórica do bairro, atrelada a análises sobre as manifestações de violência urbana no local e nas representações de jovens moradores por meio do desenvolvimento de uma Oficina de Fotografias realizada na Casa de Juventudes do bairro Guajuviras durante o segundo semestre de 2015.

O bairro Guajuviras é fruto de uma ocupação popular do Conjunto Habitacional Ildo Meneguetti ocorrida no ano de 1987, a qual foi considerada a maior ocupação urbana do sul do país, unindo pessoas oriundas de diferentes organizações sociais em busca da efetivação do direito à moradia. Após a ocupação e posterior regularização das ocupações invadidas, o bairro apresentou acentuado desenvolvimento sem adequado planejamento urbano, sofrendo nos anos posteriores com o aumento das taxas de criminalidade e um dos mais elevados índices de homicídios da cidade. De acordo com Neves da Rosa et al (2009) o desenvolvimento do bairro se deu de forma atrelada ao surgimento de um conjunto de representações sociais negativas sobre o mesmo e seus habitantes, associando-os ao tráfico de drogas, mortes e segregação sócio-espacial, o que levou à ampliação da aplicação de políticas de segurança pública na região.

Com foco nessa realidade, no ano de 2009 o local acolheu um projeto governamental na área de segurança pública para sua transformação em um Território

² Este artigo é uma versão ampliada e bastante modificada do trabalho completo intitulado "MEMÓRIA, JUVENTUDE E IDENTIDADE: A FOTOGRAFIA COMO FORMA DE (RE) CONHECIMENTO COMUNITÁRIO", publicado nos anais do II Seminário internacional em Memória Social realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO em março de 2016.

de Paz, tecnologia de ação e prevenção à violência sob um paradigma de segurança comunitária. O processo de implementação do projeto uniu instâncias municipais, estaduais e federais, tendo sido o Território de Paz do bairro Guajuviras considerado um "sucesso", segundo dados quantitativos que indicaram uma redução significativa nos índices de violência nos anos iniciais de implantação do programa.

Apesar do que demonstraram os dados quantitativos, são ainda escassas as investigações de caráter qualitativo acerca das vivências e sentidos produzidos nos moradores do bairro a partir da implementação desse programa, bem como sobre o impacto dessas ações em seu cotidiano, principalmente no que se refere aos jovens, principal segmento envolvido nas estatísticas de crimes no município. Se considerarmos a intensidade do impacto dos processos de criminalização e prisionalização sobre os jovens pobres, principalmente negros e pardos, moradores das periferias brasileiras, faz-se fundamental estudar o ponto de vista desses atores sociais acerca do impacto dessas ações, bem como compreender suas visões de mundo e perspectivas de convivência comunitária. Na atualidade o evidente extermínio da juventude brasileira traz desafios para diversos campos de saber e de ação frente ao caráter complexo e multideterminado da questão. (RAUPP; RODRIGUES, 2015).

Estudos que enfocam as relações entre a violência urbana e seus reflexos no cotidiano de jovens residentes em locais considerados violentos sugerem que o fenômeno da violência tem expressão e representações segmentadas e espacialmente configuradas, produzindo impactos concretos nas instâncias de identidade e nos projetos de vida dos residentes. Viver nestes locais, apontados pela mídia e presentes nas representações sociais como locais de exclusão e lugares violentos traz consequências que impactam diretamente na vida e memória dos habitantes desses espaços, ocultando sua diversidade e assim projetando nos sujeitos os significados sobre os lugares. (GAMALHO; HEIDRICH, 2012).

Em busca de uma aproximação às formas de expressão dessas problemáticas no cotidiano dos jovens residentes no bairro Guajuviras, suas memórias do bairro e representações sobre a vida cotidiana no local, foi realizada uma pesquisa-ação com jovens frequentadores da Casa de Juventudes – um dos equipamentos sociais implantados pelo programa do Território de Paz que visa atuar como uma tecnologia social de prevenção à violência entre o público jovem. Unindo a observação participante do cotidiano do bairro à necessidade de efetivar formas de participação no cotidiano da

Casa de Juventudes (CJ) que permitissem aprofundar a compreensão da realidade psicossocial dos jovens, foi realizada uma Oficina de Fotografias voltada a jovens que frequentavam a CJ durante o segundo semestre de 2015 como um dispositivo de acesso aos mesmos e as suas representações sobre cotidiano, identificações e projetos, compreendendo a fotografia como uma forma de reconstrução de memórias a partir de um olhar crítico sobre seu cotidiano. Fotos resultantes da Oficina realizada serão expostas ao longo desse trabalho, todas de autoria coletiva dos jovens que participaram da ação, bem como trechos de falas que refletem como percebem o bairro e o ocupam.

Crescimento urbano e expressões localizadas da violência no município de Canoas: o caso do Território de Paz do bairro Guajuviras

O bairro Guajuviras está situado na parte nordeste do município de Canoas, cidade situada na região metropolitana de Porto Alegre/RS. Caracterizada externamente como uma cidade cindida por rodovias, Canoas tem características topográficas que a ligam à ideia de passagem entre os municípios da região, particularidade ligada à fundação do povoamento urbano, ocorrida em 1874 com a inauguração do trecho da estrada de ferro que ligava as cidades de Porto Alegre e São Leopoldo. (FACHINELLO, 2012).

Elevada à condição de município em 1939, quando deixou de ser um distrito do município de Gravataí, Canoas apresentou um acelerado crescimento econômico principalmente a partir do final da Segunda Guerra Mundial quando, além de numerosas indústrias, foram instaladas no município a Base Militar da V Zona Aérea e a Refinaria Alberto Pasqualini, impulsionando o desenvolvimento da cidade. Nas duas décadas posteriores à emancipação ocorreu um crescimento demográfico acelerado, o qual aumentou em 486% a população local. (ANGELI, 2015). Atualmente Canoas possui uma população de 323.827 habitantes, sendo o quarto município mais populoso do Estado do Rio Grande do Sul. (IBGE, 2010). Canoas é também um dos polos industriais mais importantes do Brasil, possuindo o segundo maior PIB do Estado, o que a situa como a 25ª maior economia entre as cidades brasileiras. Sua base econômica está atrelada aos setores de serviços, comércio, indústria da transformação e logística. (IBGE, 2010).

Acompanhando o acelerado crescimento econômico e urbano, a partir da década de 1980 a violência urbana destaca-se como uma característica negativa presente no cotidiano da cidade de Canoas, refletindo uma tendência nacional presente em grande parte dos municípios situados em regiões metropolitanas. Nesta época houve uma significativa alteração no perfil de mortalidade do País, a qual passa de quarta à segunda causa de morte. (PALAZZO et al, 2008). Os conflitos sociais tornaram-se mais acentuados a partir desse momento, quando a sociedade brasileira assiste ao crescimento das taxas de violência nas suas mais distintas modalidades: crime comum, violência ligada ao crime organizado, graves violações de direitos humanos e, em especial, à emergência do narcotráfico a qual colabora para a desorganização das formas tradicionais de sociabilidade entre as classes populares, acentuando barreiras sociais a partir da sensação crescente de insegurança entre todas as camadas econômicas. (ADORNO, 2002).

Situando a magnitude do problema, no ano de 2014 foi publicado um estudo realizado pela ONU denominado "*Relatório Sobre a Situação Mundial da Prevenção à Violência*", no qual o Brasil foi apontado como o 11º país com maior taxa de homicídios. Segundo o estudo ocorreram 32,4 assassinatos por cem mil habitantes no Brasil em 2012, índice quase cinco vezes maior que a média mundial. Se comparadas as taxas do município de Canoas com a já preocupante situação nacional, tem-se que no ano de 2009 foi registrada a taxa de 46.7 homicídios para cada 100 mil habitantes, média superior a já elevada média nacional auferida alguns anos depois. (DAL SANTO; KERBER, 2009). Especificando ainda mais a análise, quando comparadas às taxas da população em geral com a situação dos jovens, percebe-se que a juventude é ainda mais afetada pela violência. Dados do "*Mapa da violência dos municípios brasileiros*" (WASELFISZ, 2011) apontam que a taxa de homicídios para cada 100.000 habitantes para jovens (pessoas na faixa etária de 15 a 24 anos) no Brasil é de 52,9; enquanto especificamente no Estado do Rio Grande do Sul (RS) fica em 40,4 (2008) e especificamente no município de Canoas sobe para 86,7%, com o município ocupando a 106ª posição nacional neste triste ranking, demonstrando assim a magnitude expressiva do problema a nível local.

Conforme sugerem os dados quantitativos, as expressões da violência urbana não são uniformes, mas espacializadas e tipificadas, mostrando-se mais intensamente em regiões periféricas metropolitanas e entre jovens negros e pardos do sexo masculino

residentes em bairros de periferia. (WASELFISZ, 2011). Um exemplo pode ser encontrado num relatório de pesquisa divulgado em 2009 pelo Observatório de Segurança Pública de Canoas (DAL SANTO; KERBER, 2009) o qual, com base nas taxas de homicídios do município, demonstrou que no ano de análise 87,7% das vítimas eram homens e que os jovens morriam mais - na faixa etária dos 20 aos 24 anos a taxa de homicídios a cada 100 mil habitantes era de 92,4, enquanto entre jovens de 25 a 29 anos subia para 114,9. Ainda no tocante à dimensão espacial, o estudo realizado em 2009 apontou que o bairro Guajuviras apresentava a terceira maior taxa de homicídios do município, a qual era de 77,2 homicídios a cada 100 mil habitantes, menor apenas que os bairros Mato Grande e Mathias Velho.

Chegando a ser conhecido popularmente como a "*Bagdá do Rio Grande do Sul*", denominação que aponta para a disseminação de representações e memórias que associam o local à violência urbana e ao narcotráfico, o bairro Guajuviras tem uma história de surgimento que remonta a um movimento popular que culminou em uma grande ocupação em busca do direito à moradia. Sua fundação ocorreu a partir da ocupação do Conjunto Habitacional Ildo Meneghetti, da então Companhia de Habitação do Estado do Rio Grande do Sul (COHAB), em abril de 1987. Este conjunto habitacional havia sido planejado para contar com 30.000 unidades residenciais, as quais foram posteriormente reduzidas para 6.000 (PENNA, 1998). precarização das condições de vida de parte importante da população local.

Fotos 1 e 2 – Vistas de ruas do Bairro Guajuviras.



Fonte: autoria dos jovens que frequentam a CJ.

De acordo com KERBER e DAL SANTO (2014, p. 78) após a ocupação se delineou um perfil de vulnerabilidade social no bairro devido à forte presença de moradias em áreas irregulares, sem documentação oficial, característica esta que,

acrescida a fatores econômicos como subemprego, baixa escolaridade, presença de violência e tráfico de drogas levaram à precarização de parte importante da população local. Em um estudo realizado no bairro na década de 1990 a violência já era uma questão fortemente associada ao Guajuviras, motivo de preocupação, divergências e estigmatização dos moradores, vistos pela população da cidade como provenientes de um “*local não confiável*” (PENNA, 1998, p. 52). Esse estudo mostrou a existência de uma divisão interna ao bairro que atribuía às práticas dos habitantes das subocupações a causa da violência local. Desde esta época já existiam projetos de prevenção à violência que resultaram apenas na instalação de uma unidade policial. Impulsionado pela alta taxa de homicídios foi implantado no Guajuviras no ano de 2009 o programa Território da Paz.

Criado no ano de 2007 pelo Ministério da Justiça por meio do Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (PRONASCI) em parceria com a prefeitura municipal, o programa Território de Paz visava à melhoria de indicadores de violência em bairros vulnerabilizados com altos índices de mortes violentas, sob uma ótica preventiva. (SILVÉRIO; MEDEIROS, 2011). Este paradigma de segurança comunitária visava à implantação no local de um programa baseado em uma nova concepção de atuação policial visando fortalecer laços comunitários e implantar alternativas de mediação comunitária dos conflitos e foco na promoção de direitos. O processo de implementação do Território de Paz do Guajuviras seguiu a metodologia básica do programa, contando com ações integradas entre as polícias locais, instâncias comunitárias e de assistência social para a contenção da violência associada principalmente aos jovens. Dentre estas ações foram implementados policiamento ostensivo, instaladas de câmeras de vigilância e detectores de tiros e programas sociais voltados a ações sobre a questão da violência de gênero e violência escolar (Projeto Ronda Escolar), além do estímulo à participação civil nas políticas municipais. No que se refere a ações direcionadas aos jovens foram criadas a Agência da Boa Notícia (projeto que visa atuar sobre a questão da violência por meio de ações de comunicação social), a Praça das Juventudes (complexo desportivo e de lazer) e um Centro de Referência para as Juventudes a Casa de Juventudes (CJ).

A CJ é fruto de uma parceria estabelecida em 2010 entre a Secretaria Municipal de Segurança de Canoas e a Fundação La Salle visando desenvolver a inclusão social de jovens entre 12 e 29 anos por meio da oferta de um espaço protegido de convivência

com diversas oficinas culturais, atendimento psicossocial, acesso a um Telecentro Comunitário e a um estúdio público (hoje não mais existente), com acesso gratuito para os jovens cadastrados no programa. O público alvo da CJ variou ao longo de seu tempo de funcionamento, tendo em sua fundação um foco claro sobre jovens em situação de violência e outras formas de vulnerabilidade social, passando por um segundo momento de abertura a jovens que ali chegavam por demanda espontânea e que fossem moradores do território. No ano de 2016 houve uma remodelação da CJ, com retorno ao foco inicial de atuação, o qual foi ampliado a partir de um diagnóstico feito no município que apontou o perfil de jovens envolvidos em situações de violência, focando então a atuação preventiva nos jovens em cumprimento de medidas socioeducativas, filhos de egressos do sistema prisional, envolvidos em situação de criminalidade, entre outros.

Fotos 3 e 4 – Diferentes espaços da Casa de Juventudes do Guajuviras.



Fonte: autoria dos jovens que frequentam a CJ.

Como afirmado anteriormente, o Território de Paz do Guajuviras foi inicialmente considerado um sucesso devido à divulgação de dados quantitativos que indicaram uma redução significativa nos índices de violência nos três anos iniciais de sua implantação (2009-2011), quando os índices de homicídios diminuíram 73,6%. Atualmente o projeto foi extinto no âmbito federal, mas continua em andamento em Canoas com recursos municipais. Cabe destacar que a partir do ano de 2013 foi observado um aumento gradual nos índices inicialmente aventados como indicadores de sucesso, levando posteriormente a remodelações no projeto inicial, com mudanças nos programas sociais e foco maior nas questões de policiamento, bem como redução de verbas para custeio dos projetos sociais.

Embora sejam escassos os estudos qualitativos capazes de apreender como as mudanças ocorridas no bairro impactaram o cotidiano de seus habitantes, algumas aproximações foram feitas. Um estudo importante nesse sentido, feito a partir de uma pesquisa efetivada no período entre 2009 e 2011 envolvendo jovens participantes e não participantes dos projetos sociais implantados no bairro, visou compreender suas opiniões e representações acerca da presença de violências no local e do impacto do projeto em curso (KERBER; DAL SANTO, 2014, p.93). Segundo os autores os resultados apontaram que os jovens manifestaram perceber: *“maior uso e ocupação dos espaços públicos do Território (...) o que possibilitou, decerto, com limites inegáveis, uma maior convivência entre as pessoas, favorecida pela sensação de segurança e mitigação de indicadores de vitimização letal”*.

Um estudo que destacou outras formas de percepção acerca do impacto do território de Paz no cotidiano dos jovens foi a dissertação de mestrado de Neves da Rosa (2012) a qual, por meio da abordagem etnográfica, buscou compreender a visão dos jovens sobre os primeiros anos de implantação do Território de Paz no bairro Guajuviras por meio da participação dos pesquisadores no Programa Esporte e Lazer na Cidade. Segundo o autor, nesta época os jovens participantes do projeto demonstravam reações negativas a alguns dispositivos instalados no bairro, em especial às câmeras de segurança dispostas em diversas vias e espaços de circulação e lazer. Segundo o autor, estes dispositivos eram interpretados como formas de controle e regulação social, visando ao controle dos moradores. Na visão dos jovens, ao invés de investir em dispositivos de controle social seria mais importante investimentos em melhorias na infraestrutura do bairro. As reações dos jovens se manifestavam por meio de ironia à presença das câmeras de videomonitoramento e dos policiais que os vigiavam enquanto seguiam com suas práticas habituais, as quais muitas vezes permeavam o lícito e o ilícito como, por exemplo, o consumo de maconha em praças públicas (NEVES DA ROSA, 2012).

Em outro trabalho sobre o mesmo tema publicado anos antes (Neves da Rosa et al, 2010, p.76) afirmavam que para os jovens: *“O Guaju tá ficando sinistro”*, o que parecia remeter a um sentimento de subtração do campo de liberdades, de vigilância e controle permanente de seus passos, de suas condutas, de seus modos de vida. Neste trabalho os autores discorriam sobre as dificuldades sentidas na interação com os jovens, principalmente no tocante a estimular sua participação em atividades dos

projetos implantados, comportamentos compreendidos como forma de resistência às práticas de controle social em curso no território, segundo a visão dos jovens pesquisados.

Em uma via semelhante, nossa equipe de pesquisa se deparou com resistências consideráveis ao engajamento dos jovens nas atividades propostas como parte da pesquisa. Quando propomos a oficina de fotografias, a qual será mais bem discutida em outra sessão, nos deparamos com jovens tímidos nos contatos iniciais e relutantes em aderir às propostas oferecidas. Quando pedíamos para falarem de si e de seu cotidiano, preferiam não falar, se dispersando da atividade ou dizendo não saber responder. Em algumas outras ações realizadas na CJ observamos o mesmo tipo de reação, o que talvez demonstre a necessidade de um amplo trabalho de aproximação ao *ethos* grupal dos jovens, bem como uma inserção prolongada em suas formas de sociabilidade para uma real compreensão do impacto e possível benefício para os mesmos das ações propostas, sob seus pontos de vista. Ou, como referido por Freire (2006b), não se pode conhecer a realidade dos pesquisados a não ser tendo-os como coparticipes, como sujeitos do conhecimento que, sendo para eles um conhecimento do conhecimento anterior, ou seja, proveniente de sua experiência cotidiana, pode vir a se tornar um novo conhecimento, agora compartilhado.

Memória, Juventude e Fotografia

Para pensar a relação entre memória, juventude e fotografia – esta enquanto objeto da ação desenvolvida com os jovens na CJ - faz-se necessário compreender inicialmente a memória social como um conceito difícil de delimitar, inerentemente interdisciplinar, pois construído a partir da relação e tensionamentos de diferentes perspectivas disciplinares, estando o mesmo ainda em processo de construção (BERNDT; MANGAN, 2014). Tal qual o conceito de memória, o de identidade encontra-se também no bojo de processos interdisciplinares, sendo compreendido por ângulos diversos a partir da perspectiva escolhida para análise.

Conforme salienta Halbwachs (2006) não existe memória puramente individual, pois os sujeitos estão constantemente interagindo e sofrendo a ação dos demais, através dos contextos e instituições com os quais interagem. Pollak (1992) destaca que, apesar de a memória parecer ser um fenômeno puramente individual, algo íntimo, a mesma

deve ser compreendida, sobretudo, como um fenômeno social, construído coletivamente e sujeito a constantes flutuações e variações, pois, embora sejam os sujeitos que se lembrem, esta ação se dá sempre em contextos interacionais, ligados a vivências sociais, sejam estas diretas, por meio de interações com os demais, ou indiretas, por meio da intermediação de objetos culturais, remetendo a um imaginário compartilhado (BERNDT; MANGAN, 2014). Dessa forma, acontecimentos vividos pessoalmente ligam-se aos vividos pelas coletividades, incluindo elementos que não foram vivenciados no mesmo espaço-tempo, mas que marcaram um passado coletivo (POLLAK, 1992). Assim as lembranças são coletivas e reforçadas pelos outros, mesmo se tratando de acontecimentos nos quais estávamos sozinhos, dado que temos grupos sociais internalizados, constituindo nossas subjetividades (HALBWACHS, 2006).

De acordo com Pollak (1992, p. 204), se a memória é uma construção individual e social, pode-se dizer que há uma ligação muito estreita entre memória e identidade – sendo esta conceituada como “(...) o sentido da imagem se si, para si (...), a imagem que a pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros”. Para o autor esta interação entre memória e identidade, principalmente no que refere as memórias que não foram construídas a partir de fatos vividos diretamente pelo sujeito, mas herdadas, seja através de interações familiares, comunitárias ou mesmo a partir das “memórias por tabela”. Assim, a memória é um elemento fundamental do sentimento de identidade, dando a sensação de continuidade e coerência de uma pessoa ou grupo, a qual se dá sempre em referência aos outros, em negociação direta com a coletividade significativa para o sujeito (POLLAK, 1992).

Quando o foco de estudo se centra nas relações entre memória social e juventude, algumas demarcações se fazem necessárias. Inicialmente é importante descolar a noção de juventude de recortes tradicionais que a definem como um grupo homogêneo, mera expressão de parâmetros demográficos (período da vida humana que vai dos 15 aos 29 anos), biológicos e/ou psicológicos, os quais são importantes como marcadores iniciais, mas insuficientes para demarcar todos os aspectos socioculturais presentes nessa etapa. Elegendo outra via para a compreensão das expressões dessa fase, compreende-se atualmente a inexistência de uma categoria homogênea face à diversidade dos grupos juvenis presentes na realidade social, os quais conformam uma

construção social formada por um conjunto heterogêneo, expressão de distintas oportunidades e relações de poder construídas socialmente, conformando processos de subjetivação ligados a relações de classe social, gênero, etnia, etc. (ESTEVES; ABRAMOVAY, 2007). Nesta vertente de entendimento, opta-se pelo termo *juventudes*, no plural, visando dar conta de toda a gama de possibilidades inerentes a essa categoria, reconhecendo a existência de múltiplas culturas juvenis com pontos de aproximação e divergência entre si. (ESTEVES; ABRAMOVAY, 2007).

Nesse sentido, podemos considerar que as escolhas dos jovens e suas expressões culturais se interligam ao campo da memória social, instância que coaduna passado e futuro, orientando e sendo fruto de valores, normas e experiências oriundas de contextos familiares e sociais que se unem, conformando sentidos de identidade pessoal (MARTINS, 2011). Assim a construção de identidades na atualidade supõe uma implicação mútua entre as instâncias herdadas de identidade (nação, linhagem, família) e as que são construídas no contato dos jovens com diferentes meios e influências sociais. (VELHO, 2003). A consciência e valorização de uma identidade, baseada em uma memória que dá consistência à biografia, seria o que possibilitaria a formação de projetos de vida, pois ao contatar com as instâncias de memória o jovem entra em contato consigo mesmo e se reconhece, ao mesmo tempo em que se encontra com o seu espaço social de referência. (MARTINS, 2011). Portanto, se a memória permite uma visão retrospectiva da biografia, o projeto é a antecipação dessas trajetórias. Assim, na constituição da identidade memória e projeto articulam-se ao dar significado a vidas e ações, processo permeado pelas características de cada momento histórico. Segundo Martins (2011, p. 219) “*memória é identidade*”, pois se esta expressa uma individualidade, a mesma só é possível pelo caminho da memória.

Levando em conta tanto as características das juventudes na atualidade, o trabalho desenvolvido na CJ por meio da Oficina de Fotografias, buscou atuar como um dispositivo capaz de disparar formas de aproximação da realidade, memórias e representações dos jovens por meio de algo atraente para eles, as fotografias digitais. Sabe-se da atratividade das fotografias digitais na atualidade, da forma como popularizaram a fotografia, ocupando um espaço considerável nas novas sociabilidades juvenis, independentemente de diferenciações ligadas a questões econômicas. Atualmente a grande maioria dos telefones celulares possui uma câmera digital, possibilitando um amplo acesso a fotos, as quais são automaticamente compartilhadas

via redes sociais, alimentando uma cultura contemporânea onde se destaca a onipotência das imagens. Dessa forma as fotografias digitais operam como meios de acesso aos ritmos e à estética da produção de subjetividade contemporânea na qual mudam a noção de tempo e espaço, onde o tempo é fugaz e sempre em trânsito, confrontando noções de tempo linear e das imagens como duplicidades do real, convocando ao registro e, ao mesmo tempo, à criação. (KIRST; FONSECA, 2010).

Utilizando esse dispositivo apostamos que por meio do dispositivo Oficina de Fotografias e da incitação à discussão sobre fotografia e da criação de situações que convocassem à captação de imagens os jovens poderiam registrar imagens que proliferam em seu cotidiano, construindo coletivamente novas formas de significá-las e reconstruir memórias. Segundo Kirst e Fonseca (2010, p. 402), as imagens ligam-se ao “*esforço de decifrar e tornar possível*” e, como um espelho, ajudam na atribuição de sentidos ao mundo que nos cerca.

Considerando a memória como constituída por imagens que afloram, mesclando tempos diversos e presentificando sentimentos e acontecimentos, a fotografia pode constituir-se como uma forma privilegiada para captar tais fluxos. Para Proust (2004), a fotografia deflagrava a necessidade da narrativa, assim como era uma aliada da memória, colaborando com a imaginação. Além disso, considerava a fotografia como uma ferramenta para a fixação da memória, pois esta resgataria o tempo mediante as imagens. No mesmo sentido, Pereira da Silva (2016, p. 310) destaca que a fotografia pode ser considerada um “*sociograma de cunho testemunhal*” ao fixar-se num movimento incessante de projeção de elementos do passado para o futuro. Assim, na fugacidade do contemporâneo:

A leitura e criação da imagem digital colocam em jogo a formação do olhar ou, mais exatamente, como se produz subjetividade e isto se dá através da memória como mar de imagens pronto a ser cartografado pelo presente, memória como espaço virtual capturado pela última vista. Nem passado, nem futuro, inexoravelmente o agora é que nos defronta. O passado pode vir, mas sempre atravessado pela última cena. Quanto ao futuro, simplesmente não existe, é somente imagem. (...) A captura da imagem é da mesma ordem da lembrança, ao lembrarmos estamos criando e decifrando o próprio corpo. (KIRST; FONSECA, 2010, p. 402).

Na Oficina de Fotografias os jovens exercitaram formas de expressão e de representação da realidade usando a fotografia como meio para disparar novas formas de ver, sentir e lembrar, as quais alimentaram e suas memórias, sendo por estas influenciadas. Utilizadas como forma de interação, mas também de cartografar as

experiências dos jovens por meio das imagens que registravam, estas operavam como forma de resgatar, compreender e ressignificar elementos sociais e culturais que permeavam seu cotidiano, dado que se a memória é um aglomerado de registros do vivido em determinado contexto histórico, a fotografia se põe como um artefato de registro visual capaz de captar recortes da experiência, produzindo memória (PEREIRA DA SILVA, 2016).

Foto 5 e 6. Fotos de cenas do cotidiano registradas pelos jovens.



Fonte: autoria dos jovens que frequentam a CJ.

Oficina de Fotografia como dispositivo de ação e acesso à memória

Com o apoio da Casa de Juventudes desenvolvemos uma ação intitulada “Memória social, juventude e identidade: a fotografia como forma de (re) conhecimento comunitário”, sob a forma de uma pesquisa-ação vinculada ao projeto maior de pesquisa citado acima. Executada na forma de uma Oficina de Fotografia oferecida aos jovens que frequentam a CJ a ação foi elaborada como uma via de acesso aos mesmos, dadas as dificuldades iniciais sentidas pelos pesquisadores em se aproximar efetivamente dos jovens, bem como um meio para co-construir com os jovens um olhar crítico sobre seu cotidiano.

. Segundo os autores nesse tipo de investigação o pesquisador assume a responsabilidade não apenas de assistir aos atores envolvidos através da geração de conhecimento, mas também de aplicação deste em prol dos próprios sujeitos

investigados, em uma relação de co-produção de conhecimentos e possíveis mudanças. Além disso, a pesquisa-ação, da mesma forma que as ações de extensão, fornece um meio de aproximação e contribuição da academia para com a sociedade, usando a pesquisa como forma de relação comunitária, desenvolvendo uma ação que gera conhecimento e utiliza a democracia participativa como método. (BERNARDES, 2013).

A equipe era constituída pela pesquisadora e duas bolsistas de Iniciação Científica, além de contar com a participação de um fotógrafo voluntário e o apoio da equipe da CJ em termos de suporte técnico e acesso aos espaços da casa. A oficina ocorreu de outubro a dezembro de 2015, com periodicidade semanal e duração de 1h30 cada encontro. A adesão dos jovens era voluntária e flutuante, pois nem todos participavam de todos os encontros, tendo em vista que em algumas semanas ocorreram atividades concomitantes, parte da programação rotineira da CJ. Inicialmente 10 jovens se inscreveram para participar da ação, os quais tinham idades entre 12 e 24 anos e utilizavam seus telefones celulares para fotografar. Em alguns momentos - como em uma atividade na qual o grupo saiu da CJ para fotografar o bairro - jovens que não estavam inscritos se integravam ao grupo. Compreendemos que a presença ‘flutuante’ nas atividades se devia á dinâmica local, a qual tinha por princípio a participação livre nas atividades.

Para estimular a participação e divulgar as fotos registradas pelos jovens foram utilizadas redes sociais (WhatsApp, Facebook), inclusive com a criação de uma página onde podiam compartilhar e ‘curtir’ as fotos. Na tabela abaixo estão expostas as atividades e datas de cada encontro.

Quadro I – Cronograma de atividades presenciais do projeto.

| Data | Atividade |
|-------------------|---|
| 19/10/2015 | Início da Oficina de Fotografias: divulgação e montagem de lista de participantes |
| 26/10/2015 | Oficina de Fotografias: Presença do fotógrafo voluntário e trabalho com o Livro Zoom. |
| 17/11/2015 | Oficina de Fotografias: Troca e discussão sobre as fotos tiradas durante a semana. |
| 24/11/2015 | Oficina de Fotografias: Caminhada pelo bairro para fotografar. |
| 01/12/2015 | Reflexão sobre o fotografar com projeção de vídeo e fotos. |
| 08/12/2015 | Oficina de Fotografias – ação desenvolvida: fotografar algum lugar da CJ. |
| 15/12/2015 | Oficina de Fotografias: Escolha de fotos para exposição no Sarau da CJ. |
| 18/12/2015 | Sarau Casa das Juventudes: exposição das fotos selecionadas e encerramento. |

Fonte: Luciane Raupp (2016).

Durante os encontros estimulávamos o exercício do estar em grupo, trocando experiências e olhares sobre o bairro. Nos deparamos com uma timidez inesperada quando os jovens eram chamados a expor seus relatos, a qual contrastava com suas formas grupais de interação, levando a equipe a se reinventar no processo no esforço de compreender e se adaptar as suas formas de socialização, o que foi parte fundamental da produção de conhecimento obtida com o grupo.

Os momentos em que foram passadas novas informações, tais como quando esteve presente um fotógrafo fornecendo noções básicas de fotografia e o contato com o livro *Zoom* (BANYAI, 1995) foram particularmente ricos. Na interação com o fotógrafo percebia-se o interesse dos jovens em ampliar as possibilidades de uso da fotografia, bem como sua empolgação frente à possibilidade de interagir como uma câmera profissional. Por meio do trabalho com o livro *Zoom* foram propostas reflexões sobre os efeitos do deslocamento do olhar proposto pelas imagens do livro a partir de uma pergunta inicial: O que você vê? A ação sobre o livro abordou as possibilidades de uso das imagens para registro e ampliação das vivências. Também foram ricos os momentos de saída para fotografar, provocando novas formas de percepção do cotidiano, ao mesmo tempo em que a equipe podia estar presente em momentos de livre descontração dos jovens, conhecendo melhor suas formas de sociabilidade.

Diferentemente do que supomos ao começar a oficina, questões sobre a história do bairro, a presença da violência ou acerca das repercussões do projeto Território da Paz não apareciam espontaneamente na fala dos jovens. Quando indagados, na maioria das vezes desviavam do assunto, preferindo não abordar a temática ou alegando que o bairro era um lugar tranquilo para circular, como nas falas a seguir: “*Não tem nenhum lugar que não indico de frequentar no bairro*”. “*(...) lugares para não ir não tem, pode ir a todos, tem alguns lugares que tu não pode ir de noite é meio ariscado, mas durante o dia é tranquilo*”.

Por outro lado, alguns lugares ligados a subocupações (ocupações de terrenos que se deram após a ocupação do conjunto habitacional que fundou o bairro) eram apontados como mais perigosos, onde se deve evitar a circulação: “*Lugar que é ruim de ir é a Contel, pois ali tem muito tiroteio muita morte, pois tem muitas casas de drogas já passei por varias ali e eu não gosto, não dá*”. Ainda, segundo uma jovem: “*Lugar que não é legal de frequentar é a gruta por que é um lugar mais violentado porque*

muitos jovens já morreram lá, a gruta fica atrás da praça da brigada, os motivos que eles já foram mortos é drogas e violência”.

Cabe destacar que os jovens ressaltavam comumente em suas falas a importância de frequentar a CJ e outros locais como a Praça de Juventudes - implantados com recursos do Território de Paz -, embora para alguns o bairro ainda carecesse de locais que facilitem um convívio protegido: *“Gosto aqui da Casa, da praça atrás do Caic, pois é tranquilo não tem tiroteio essas coisas, ali é paz e aqui na Casa, pois ali já tem todas as regras, não pode namorar, não pode jogar as coisas, daí é isso que eu gosto na Casa, pois a Casa tem regras”.* Quando indagada sobre onde gostava de tirar fotos, um jovem aponta novamente a CJ: *“O primeiro lugar que a gente pode ir para tirar fotos é na Casa das Juventudes, lá é calmo tem bastante paredes pichada, coisa assim para tirar fotos e a paisagem é bonita também e eles fizeram não faz muito tempo aquela praça e tão metendo uns grafite lá legal”.* *“Lugares legais é a Praça das Juventudes, Casa das Juventudes e Mulheres da Paz, e lugares não tão bom é a Contel”.* Ainda segundo outro jovem, apesar de dizer gostar de frequentar a Praça das Juventudes e a chamada “Praça da Brigada”, deveriam existir mais atividades voltadas aos jovens no Guajuviras.

Compreendemos que estas falas sobre lugares que gostam de frequentar ressaltam a importância dos equipamentos sociais implantados pelo Território de Paz, possibilitando o encontro protegido entre jovens, bem com a experimentação de atividades esportivas, culturais e de formação de cidadania, tal qual o foi o contato proporcionado pela oficina com a fotografia como forma de registro do cotidiano e de suas formas de sociabilidade. Conforme abordado em texto do Instituto Sou da Paz (2010), os lugares onde há maior índice de mortes violentas de jovens são permeados por condições sociais que permitem manifestações de violência com mais frequência. Nestes locais, segundo os autores, se destaca a insuficiência da presença do poder público como propiciador de formas positivas de interação e de lazer comunitários por meio da instalação e manutenção continuada de espaços públicos de lazer, esportes e cultura. A esta ausência soma-se a oferta abundante de substâncias psicoativas, a falta de manutenção de iluminação e áreas públicas, favorecendo o afastamento da população de determinados locais, facilitando assim a proliferação do crime e o consequente aumento do sentimento de insegurança. (INSTITUTO SOU DA PAZ, 2010).

Além destes fatores, destacamos o papel nefasto das representações sociais sobre o bairro Guajuviras como local perigoso e marginalizado, o que faz com que muito jovens sintam-se envergonhados e desvalorizados por terem projetadas sobre suas identidades as representações negativas que associam o bairro à criminalidade. Neste caminho projetam-se sobre os moradores memórias ligadas à história de abandono social a que o bairro foi relegado por anos - história esta que, nas falas dos próprios jovens, poderia ser revertida com a continuidade dos investimentos feitos no local a partir da implantação do Território de Paz.

Fotos 7 e 8 – Caminhada pelo bairro para fotografar



Fonte: autoria dos jovens que frequentam a CJ.

Fotos 9 e 10 – Jovens fotografando.



Fonte: autoria dos jovens que frequentam a CJ.

Considerações Finais

Na realidade complexa e multifacetada da atualidade a temática da juventude tende a ganhar destaque a partir da emergência de situações-problema, quando jovens se envolvem em episódios violentos, compreendidos assim como uma categoria de risco ou, por outro lado, como consumidores passivos expostos ao um bombardeio de imagens fugazes. Buscando outros olhares sobre a juventude, compreendemos a importância de uma aproximação para além da mercantilização das culturas juvenis, enfocando na riqueza e diversidade de formas de socialização e de produção de cultura. (MARTINS, 2011).

Nas observações efetuadas na Casa de Juventudes encontramos grupos geradores de cultura que tinham no local um ponto de organização e de incitação à criação, formando uma comunidade afetiva ligada pelo pertencimento comum a um mesmo território, colaborando para o fortalecimento de uma convivência pacífica e criativa. A temática da violência surgia como uma presença constante e naturalizada, mesmo que muitas vezes silenciada ou banalizada, reflexo da memória e do cotidiano do bairro, mas as oportunidades de socialização criadas nesse espaço atuavam como formas possíveis de resistência ao que muitas vezes se impõe como um 'destino' aos jovens.

Nesse contexto a Oficina de Fotografias procurou atuar como mais um dispositivo para a circulação de palavras, histórias e memórias. Apostamos na ideia de que por meio de uma tarefa comum o trabalho em grupo pode potencializar lembranças, caracterizando pontos de identificação e de memória coletiva. (MARTINS, 2011). Durante o percurso da Oficina, o qual não se deu isento de dificuldades e dúvidas, podemos gradualmente experimentar a construção de uma relação de proximidade com os jovens e com seu universo de representações comunitárias e sociabilidades. Além disso, desfrutamos juntos do percurso efetuado, finalizado com a realização de um Sarau no qual fotos selecionadas pelos jovens foram impressas e expostas, deixando nas paredes da Casa de Juventudes um pouco das memórias (re) construídas nesse processo.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Sérgio. Exclusão socioeconômica e violência urbana. **Sociologias**, n.8, p.84-135, 2002.

- ANGELI, Douglas Souza. Existir e morar na cidade: vinte anos do projeto Canoas – Para lembrar quem somos. **Mouseion**, n. 25, pp. 109-122, 2015.
- BANYAI, Istrain. **Zoom**. São Paulo: Editora Brinque Book, 1995.
- BERNARDES, Jacira Gil. **Democratização do acesso à leitura e à informação: a construção de um equipamento coletivo**. Dissertação. Canoas: Centro Universitário Unilasalle, 2013.
- BERND, Zilá; MANGAN, Patrícia Kayser Vargas (orgs.). **Dicionário de expressões da Memória Social, Bens Culturais e Cibercultura**. Canoas: Editora Unilasalle, 2014.
- HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- IBGE. Dados do Censo 2010. Disponível em: http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados_divulgados/index.php?uf=31. Acesso em 12 março 2016.
- DAL SANTO, Rafael; KERBER, Aline de Oliveira. Estudo dos homicídios em Canoas (2009). **Relatório de pesquisa**, 2010. Disponível em: http://www.forumseguranca.org.br/storage/download//estudo_de_homicidios_em_canoas.pdf. Acesso em: 16 de junho 2016.
- KERBER, Aline de Oliveira; DAL SANTO, Rafael. **Relatório de Pesquisa: estudo dos homicídios em Canoas (2009)**.
- KERBER, Aline de Oliveira; DAL SANTO, Rafael. Muitas cabeças, muitas sentenças: uma mirada acerca das representações sociais das juventudes do bairro Guajuviras (Território de Paz) na cidade de Canoas/RS. **Revista Diálogos Possíveis**, v. 13, n.1, 2014.
- INSTITUTO SOU DA PAZ. Grêmio em forma: o fomento à participação dos jovens na escola como estratégia de prevenção à violência. In. WESTPHAL, Márcia Faria; RACHYD, Cintia. **Violência & Juventude**. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.
- FACHINELLO, Alexsandra. **O patrimônio ambiental em Canoas, Rio Grande do Sul: avaliação da conservação e recomendações de uso de áreas naturais remanescentes**. Dissertação de mestrado. Canoas: Centro Universitário Lasalle – Unilasalle, 2012.

GAMALHO, Patrícia Nola; HEIDRICH, Álvaro Luiz. “A gente é da vila, mas não é bandido!” O lugar e a juventude nas representações sociais dos jovens do bairro Guajuviras - Canoas/RS. **Para Onde!?**, v.6, n.1, p 57-63, 2012.

LINDGREN, Richard; HENFRIDSSON, Ola; SCHULTZE, Ulrike. Design principles for competence management systems: a synthesis of an action research study. **MIS Quarterly**, Minnesota, v. 28, n.3, p. 435-472, 2004.

MARTINS, Carlos Henrique dos Santos. Juventude e memória: lembranças de tempos recentes. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v.47, n.3, pp. 218-227, 2011.

PALAZZO, Lílian dos Santos et al . Violência física e fatores associados: estudo de base populacional no sul do Brasil. **Revista de Saúde Pública**, v.42, n.4, p. 622-629, 2008.

PENNA, Rejane. **Canoas – para lembrar quem somos**: Guajuviras. Canoas: Editora do Unilasalle, 1998.

PEREIRA DA SILVA, Sérgio Luiz. Desafios metodológicos em memória e fotografia. IN DODEBEI, Vera; FARIAS, Francisco R.; GONDAR, Jo. **Por que memória social?** Rio de Janeiro: Híbrida, 2016.

POLLACK, Michel. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, 5(10), pp. 200-212, 1992.

RAUPP; Luciane; RODRIGUES, Celso. Observatório de Juventudes em Situação de Prisão: primeiros registros de novos olhares. In: ALEXIUS, Átila et al (Org.). **V Seminário Observatórios, Metodologias e Impactos: Dados e Participação**. 1ed. São Leopoldo/RS: Editora Unisinos, 2016.

SILVÉRIO, Leila Joyce M.; MEDEIROS, Moíza Siberia S. A interface da violência no processo de escolha do Território da Paz do Grande Bom Jardim pelo PRONASCI: a Mediação Comunitária como alternativa pacífica na resolução de conflitos. **III Seminário internacional violência e conflitos sociais: ilegalismos e lugares morais**, Fortaleza-CE, 2011.

VELHO, Gilberto. Memória, identidade e projeto. In: VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2003.

PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência dos municípios brasileiros.** 2011. São Paulo: Ideal Gráfica e editora, 2011.